

ENTRE EUCALIPTOS E CONCRETO ARMADO: A MODERNIDADE ESTÉTICO-FUNCIONAL DO SANATÓRIO BARROS BARRETO, BELÉM-PARÁ-BRASIL

BETWEEN EUCALYPTUS AND REINFORCED CONCRETE: THE AESTHETIC AND FUNCTIONAL MODERNITY OF BARROS BARRETO SANATORIUM, BELEM-PARA-BRAZIL

Larissa Silva Leal, Cybelle Salvador Miranda, Thayse Layane Oliveira de Queiróz

Universidade Federal do Pará

*larissaleal711@gmail.com – ORCID | 0000-0003-2095-7195; cybelle1974@hotmail.com – ORCID | 0000-0001-5913-989X;
thayseloq@gmail.com – ORCID | 0000-0002-2650-371X*

RESUMO

Este trabalho integra-se aos estudos sobre o patrimônio da saúde no Pará e tem o intuito de analisar elementos estético-funcionais do antigo Sanatório Barros Barreto (atual Hospital Universitário João de Barros Barreto). Este hospital foi produzido em um período em que a tuberculose causava altos índices de mortalidade no país, como parte das políticas públicas para controle da doença em que a Arquitetura Moderna era o padrão adequado. Através das pesquisas bibliográfica e documental aborda-se de forma qualitativa elementos arquitetônicos do antigo sanatório, fazendo-se um paralelo com elementos presentes na arquitetura moderna da saúde no Brasil, bem como destaca-se a estratégia de construir o sanatório afastado do centro urbano, devido às políticas de isolamento, em uma área considerada aprazível e arborizada, no bairro do Guamá. Ademais, esta análise de elementos demonstra que seguiam princípios funcionais, além de uma reprodução em massa, afastando-se da preocupação com a estética e atualmente, devido as necessidades contemporâneas presentes no Hospital, é perceptível a dificuldade em conciliar os usos originais dos ambientes da edificação, como demonstra a modificação e extinção das antigas varandas para inserção de banheiros nas enfermarias e o esquecimento do antigo parque dos eucaliptos.

PALAVRAS-CHAVE

Sanatório | Arquitetura Moderna | Estética | Funcionalidade | Belém-Pará

ABSTRACT

This work is part of the study of health heritage in Pará and aims to analyze aesthetic-functional elements of the former Barros Barreto Sanatorium (now João de Barros Barreto University Hospital). This hospital was produced in a period in which tuberculosis caused high mortality rates in the country in which the modern architecture was the right pattern. Through bibliographic and documentary researches, the architectural elements of the old sanatorium are qualitatively approached, making a parallel with elements present in modern health architecture in Brazil, as well as the strategy of building the sanatorium far from the urban center, located in the Guamá neighborhood. Furthermore, this analysis of elements shows that they followed functional principles, moving away from the concern with aesthetics and currently, due to the needs present in the Hospital, it is noticeable in the lack of care in maintaining original uses of the building environments and in forgetting the old park of eucalyptus.

KEYWORDS

Sanatorium | Modern Architecture | Aesthetic | Functionality | Belém-Pará

INTRODUÇÃO

Durante as décadas de 1930 a 1960, período de construção do Sanatório Barros Barreto, o Brasil passou por transformações políticas, sociais, culturais e econômicas, com acontecimentos que levaram Getúlio Vargas à presidência em 1930. Governo esse marcado pela centralização do poder, na qual promoveu políticas públicas para aproxima-lo da massa, como por exemplo a criação do Ministério do Trabalho (1930), desenvolvimento das metalúrgicas e siderúrgicas do país, utilizando-se de métodos que reforçassem a satisfação popular com o seu mandato. Gustavo Capanema, eleito por Vargas como ministro da educação e da saúde (1935-1945), foi responsável pela disseminação da arte moderna, construção de universidades, além da implantação de Programas revolucionários e inovadores nos campos de atendimento sanitário e de ensino (Mauris, 1995).

No Pará, Magalhães Barata assumiu o cargo de Interventor do Estado (1930-1935), encontrando a cidade de Belém em um momento de fragilidade econômica e administrativa, após a saída de Lemos do poder. Durante seu mandato, ele buscou adequar a cidade ao programa de Vargas, para modernizá-la a fim de resgatar a prosperidade e prestígio existentes na denominada *Belle Époque*, consequente da economia da borracha (Chaves e Silva, 2013). A partir de 1940, a modernização da cidade estava vinculada às políticas do governo norte-americano na região Amazônica, durante a Segunda Guerra Mundial. As novas construções localizadas no centro de Belém trouxeram consigo expressões de modernidade com seus

prédios verticalizados, uso de materiais novos como o concreto armado e o vidro, acrescida de novos hábitos de moradia e condutas da sociedade local (Vidal, 2008).

Arquitetonicamente, os traços do Sanatório Barros Barreto se vinculam aos padrões dos projetos produzidos pela Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde (Costa, 2017), sendo a planta do Sanatório replicada no Rio de Janeiro, edificando o Sanatório Santa Maria (Abreu Jr. e Miranda, 2016). A planta do Sanatório Santa Maria é formada pela junção de dois "Y", um monobloco que se destaca na paisagem devido aos seus seis pavimentos em concreto armado que seguia os modelos corbusianos, assim como a do Sanatório Barros Barreto (Costa, 2009: 8).

A edificação principal do Hospital Universitário João de Barros Barreto - HUIBB (em azul na fig. 01) começou a ser edificada em 1938 e foi inaugurada em 1959, ainda como sanatório. A delonga na finalização do prédio, somada às mudanças do perfil de atendimento, tornaram-na uma estrutura em constante mutação, até mesmo em dias atuais. Em função do importante cuidado prestado aos pacientes de doenças infectocontagiosas no Pará, associado à pesquisa científica nele desenvolvida, este se configura como importante documento da história da saúde na Amazônia.

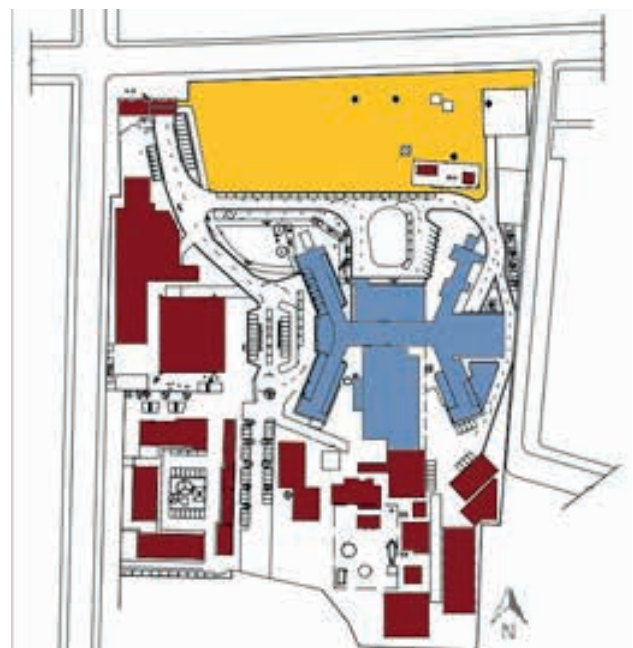


Fig. 01. Mapa ilustrativo da área pertencente ao HUIBB atualmente, com o prédio principal marcado em azul, em amarelo o bosque e em vinho as edificações adjacentes (Setor de Infraestrutura do HUIBB, 2018 adaptado).

A ESTÉTICA-FUNCIONAL NO BARROS BARRETO

A concepção moderna estava baseada em um sistema de regras que incluía plantas retangulares, fachadas com janelas em vidro e coberturas planas, trazendo influências diretas na aparência final da edificação, assim, a estética modernista traz como proposta a mudança de paradigma: o que era baseado em estilos e signos agora é uma nova estética baseada nas demandas populares, escolas, habitação social e hospitais (Malard, 2006: 99). Neste contexto, a forma final viria através da função de uma edificação e, no caso dos hospitais que tratavam a tuberculose, chamados sanatórios, o tratamento aos doentes ditava certas características arquitetônicas, demandando uso de materiais específicos como o concreto armado que proporcionava rapidez de construção e boa durabilidade.

A ausência de ornamentos nas fachadas modernas decorre do conceito do racionalismo vigente no período moderno, que evidencia a busca pela utilidade, iniciando assim uma relação intrínseca entre arquitetura moderna e funcionalismo, sendo a forma resultado da função (Montaner, 1995). Na arquitetura assistencial produzida no século XX, tem-se como marco o Sanatório Zonnestraal (1925-1927), advindo da arquitetura holandesa, cuja racionalidade da fachada envidraçada - pois era necessário a entrada de luz solar para tratamento dos pacientes - se conecta com o bosque do entorno, para manter o contato dos pacientes com a natureza e assim, o projeto decodifica o racionalismo "como processo de pensamento convertido em forma" (Montaner, 1995: 71-72). Desde então, estes preceitos foram seguidos nas construções de diversos sanatórios antituberculosos, a partir da década de 30.

Apesar do racionalismo primar pela simplicidade, o uso do detalhe no modernismo pode ser interpretado como expressão do fazer arquitetônico, que diferencia a concepção do arquiteto como construtor, gerando percepções estéticas e semióticas de uma edificação, ao ser entendidos como unidades de significação (Frasconi, 2008). A concepção tectônica da arquitetura faz frente ao que Lucia Malard critica, baseada em Bernhard Hoetger, a respeito das regras modernistas seguidas principalmente nas escolas de arquitetura, como a Bauhaus, no qual Hoetger compara-as com uma receita de bolo, cujo projeto modernista seria bem-sucedido caso seguisse as regras ditadas (Malard, 2006: 98).

Neste sentido, ao observar os projetos sanatoriais produzidos entre as décadas de 30 e 70 no Brasil, apesar das semelhanças arquitetônicas no uso dos materiais, dos programas de necessidades e das formas geométricas, a concepção dos detalhes arquitetônicos, apontados por Frasconi, propõe o entendimento de que cada edifício detém suas particularidades e significados, principalmente no sentido de desvendar o caráter da arquitetura utilizada.

A expressão estético-funcional em forma de detalhes arquitetônicos no Sanatório Barros Barreto transparece no uso das janelas em vidro, nos *brise-soleils* em concreto, cobogós (elementos vazados), varandas abertas e na relação entre o edifício principal e o bosque próximo à edificação. E apesar da replicação do projeto do sanatório paraense, o diálogo entre o passado e o presente desses elementos permite a visualização de que o uso e as modificações ao longo dos anos desencadearam a atribuição de valores e definiram de fato o caráter do atual Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUJBB).



Fig. 02. Fachada oeste do Sanatório Barros Barreto (1938-1959), marcada pelo uso de janelas em vidro e alumínio (Acervo fotográfico da Biblioteca do HUIBB, s/d).



Fig. 03. Atual fachada oeste do HUIBB, na qual percebe-se o aumento das esquadrias no período atual (2018).

A EXPRESSÃO TECTÔNICA DAS FACHADAS DO SANATÓRIO: DIÁLOGOS ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Analisando elementos das fachadas, seguindo os ideais modernistas, o uso das esquadrias detinha uma função específica no tratamento da tuberculose, pois permitiam a entrada de iluminação para o interior do prédio de grande porte, e por esta razão predominava o uso do vidro. É possível visualizar que a influência do uso do vidro se encontra nos preceitos construtivos sanatoriais de países como a Finlândia, no qual o arquiteto Alvar Aalto projetou o Sanatório de Paimio, cujos princípios funcionalistas se concretizavam através do grande número de vãos nas fachadas, pois proporcionavam o maior contato do paciente com a iluminação e a ventilação externas. Além disso, para Carolina Brasileiro (2012), as fachadas modernas detinham fenestração marcada pelas esquadrias, ou seja, as esquadrias detinham também a função de demarcar, ao olhar do observador, a fachada da edificação.

No sanatório Barros Barreto estes elementos são em vidro e alumínio, no qual demarcam as fachadas com mais de um tipo de janela, que se diferem no número de folhas e podem ser basculantes ou de correr. Ao longo dos anos, mais janelas foram adicionadas nas fachadas, como demonstram as figs. 02 e 03: a fachada oeste do sanatório é vista em dois períodos diferentes, sendo que a versão atual permite maior iluminação nos corredores durante o dia. Esse processo de modificação física do HUIBB é atribuída principalmente aos processos de reestruturação para mudanças no atendimento da instituição, impactando na estrutura física as decisões tomadas pela administração em consonância com os responsáveis pelo setores de atendimento. Um dos principais desafios enfrentados pelo Sanatório é conciliar a atribuição de valor aos novos materiais, em detrimento dos padrões arquitetônicos e dos detalhes modernos.



Fig. 04. Fachada Sul, parte central do Sanatório Barros Barreto (1938-1959), marcada pelo uso dos grandes painéis vazados, janelas em vidro e alumínio, cobogós e brise-soleils (da esquerda para à direita na fotografia) (Acervo fotográfico da Biblioteca do HUIBB, s/d, adaptado).

Muito mais que elementos estéticos das fachadas modernistas, os cobogós (elementos vazados) eram utilizados como soluções de conforto térmico e medidas de profilaxia da tuberculose. Entende-se que o Barros Barreto é advindo de uma produção nacional, portanto, os cuidados com o clima do país foram levados em consideração. Do mesmo modo, quando se analisa a produção arquitetônica moderna local, em residências e prédios residenciais e públicos, nota-se que os *brise-soleils* e cobogós são bastante presentes nas fachadas paraenses, conferindo um aspecto de modernidade tecnológica para as edificações da época (Sarquis, 2011: 7). Tais elementos são adotados como estratégias técnicas de conforto ambiental para lidar com o clima característico da região amazônica, podendo adquirir caráter identitário para a caracterização da arquitetura moderna local.

Os cobogós estão presentes em todas as fachadas do Barros Barreto, principalmente nas paredes do corredor central lado sul (à esquerda na fig. 04) e, apenas o lado voltado para oeste das alas contém os cobogós na parte superior das paredes, sendo que externamente estes painéis vazados estão acompanhados de *brise-soleils* também em concreto (à direita na fig. 04). Os *brise-soleils* estão dispostos horizontalmente nas fachadas do prédio, sempre em dupla (à direita na fig. 04), além disso, a entrada oeste porta *brises* verticais em concreto, com extensão do piso ao teto. Assim, ambos os elementos estão dispostos de acordo com suas funções individuais, mas formam um todo arquitetônico que é reconhecido pelos usuários do complexo hospitalar.

As varandas são ambientes característicos dos sanatórios, visando o tratamento dos pacientes através da helioterapia, a qual baseava-se na exposição destes ao sol durante algumas horas (Brasileiro, 2012: 51), além disso, proporcionava-lhes maior interação social, tendo em vista os longos períodos de isolamento. Arquitetonicamente, as varandas eram prolongamentos do ambiente ao longo da fachada, cuja construção fora possível através do uso do concreto armado, além disso, permitiam uma maior permeabilidade entre interior e exterior e aproveitamento do ar fresco advindo do bosque próximo à edificação e da iluminação solar diurna.

No Sanatório Barros Barreto, estes detalhes estão presentes em todos os pavimentos, apenas nas alas voltadas para leste, que recebem maior incidência solar

no período da tarde, bem como foram construídas em lajes com cantos arredondados, medindo cerca de 50 metros quadrados e protegidas por um parapeito em concreto de um metro de altura (fig. 05). Atualmente, devido às mudanças no atendimento, existe um processo de extinção das varandas abertas do hospital, primeiramente pela instalação de grades de proteção e posteriormente, uma-a-uma estão sendo transformadas em banheiros que atendem às enfermarias ou são inclusas aos ambientes internos.



Fig. 05. As varandas abertas da fachada leste, lado norte, do Sanatório Barros Barreto (1938-1959) e seus traços arredondados (Acervo fotográfico da Biblioteca do HUIBB, 1973).

PARQUE DOS EUCALIPTOS: A NATUREZA COMO ASSISTÊNCIA ALTERNATIVA

Anteriormente à implantação do inovador sanatório para tuberculosos, a área localizada no bairro do Guamá em Belém já era coberta por árvores de grande porte, formando de fato um bosque (fig. 06). Enquanto havia uma preocupação em modernizar o centro de Belém, nos bairros periféricos da cidade o crescimento ocorria por um processo de ocupação desordenada, em terrenos muitas das vezes alagadiços de vegetação primária, visivelmente isolado dos bairros mais elitizados (Rodrigues, Luz e Saraiva, 2014). Se para moradores do bairro do Guamá, claramente excluídos da sociedade belenense da época, esse isolamento era indigno, para o governo, o espaço se tornou um “depósito de lixo social”, na qual começou a construir edificações voltadas para asilos de idosos, indigentes, alienados, e para o atendimento de doentes que contraíam doenças infectocontagiosas, como por exemplo a febre amarela, varíola, peste bubônica e a própria tuberculose. Doenças essas responsáveis pelo crescimento da taxa de mortalidade do período. A própria vegetação servia de barreira natural para impedir a propagação das enfermidades.



Fig. 06. Aerofotografia do Sanatório Barros Barreto, mostrando a extensão do bosque - atual Parque dos Eucaliptos - em 1955 (Acervo fotográfico da FAU, Laboratório Virtual – ITEC –UFPA, 2019).

Para o sanatório em questão, a natureza presente em volta do terreno escolhido ia além do isolamento dos pacientes, ela oferecia a possibilidade de uma climatoterapia, tratamento auxiliar bastante discutido na época quanto à comprovação científica do seu êxito. Em revistas de medicina em circulação no período, reportagens discutiam os benefícios da natureza para os tuberculosos. A revista *Pará Médico* publicada em junho de 1939, lançou a matéria O clima de Belém e o Tratamento da Tuberculose Pulmonar, pelo Dr. Luiz Araújo, debatendo o fator climático na terapêutica a tuberculose pulmonar. Ele relatava a divergência de ideias entre os profissionais: de um lado radicais defensores do clima (incluindo profissionais que acreditavam no tratamento contra a doença, exclusivamente pela ação do clima), do outro os negativistas absolutos, descrentes dos efeitos benéficos da natureza.

Além dos dois extremos, havia também profissionais que defendiam ambientes mais específicos de clima estáveis, como os das montanhas, marítimos e planícies. Esse assunto percorria o mundo inteiro, com estudos científicos e debates em congressos, enquanto não tinham a certeza se o clima curava os enfermos, não descartavam o tratamento médico acrescido de um ambiente natural, mais longe possível da poluição presente nos centros urbanos, inclusive vários sanatórios de isolamento faziam propaganda de estarem instalados no local de clima perfeito para o tratamento. O Dr. Luiz Araújo descreveu na mesma matéria as características ideais para os debilitados, destacando a ausência de variações extremas na temperatura, com rara ou nenhuma nebulosidade, atmosfera mais limpa possível, pouca umidade, muita insolação e com condições necessárias que permitam o paciente viver confortavelmente fora de casa na maior parte do tempo, principalmente os que estavam no início da doença.

Para a instalação do sanatório, o bosque natural foi transformado no Parque dos Eucaliptos para os pacientes do Barros Barreto (como é popularmente conhecido), no qual já se podia encontrar uma preocupação paisagística com a área, demonstrada pela plantação de árvores de eucalipto, devido suas propriedades medicinais no combate de doenças respiratórias. As enfer-

maria avarandadas, voltadas para essa vegetação, demonstravam a importância de oferecer ao paciente um ambiente mais natural possível. Com a chegada do tratamento com antibióticos, o hospital passou a ter uma tipologia desatualizada, fazendo o espaço passar novamente por reformas que atendessem a demanda clínica contemporânea. A mudança no tratamento da tuberculose, o aumento populacional da cidade acarretando o incremento no atendimento hospitalar, incluindo pacientes de outras patologias, reduziu o bosque a 8 mil metros quadrados, possuindo vinte espécies de árvores entre nativas e exóticas, segundo levantamento realizado no ano de 2018. O restante da área mostrada na aerofotografia de 1955, foi ocupada por residências unifamiliares, incluindo o espaço onde antes da criação do Sanatório, se localizava o Hospital Domingos Freire. As demais áreas abertas, de tamanho menor em volta do hospital, foram ocupadas por novos prédios de atendimento assistencial suprindo a demanda de pacientes. Localado ao lado da guarita que dá acesso ao prédio principal, o bosque tornou-se um ambiente vegetal esquecido pelos frequentadores do hospital, mesmo possuindo grande potencial terapêutico (fig. 07).



Fig. 07. Imagem via satélite do Hospital Universitário João de Barros Barreto, sendo perceptivo a diminuição da área do Parque dos Eucaliptos (Google Earth 2018.11.05, editada, 2018).

A partir da década de 1950, os conceitos de percepção ambiental passaram a gerar reflexões sobre o ambiente hospitalar e sua influência no processo de cura dos pacientes, sendo realizadas as primeiras pesquisas que avaliaram os aspectos arquitetônicos hospitalares e sua influência fisiológica e psicológica sobre os pacientes. Com o crescimento urbano e populacional, e os avanços tecnológicos na área da construção civil, os hospitais passaram a ocupar espaços horizontais cada vez menores, ganhando altura e consequentemente perdendo espaços naturais entre os blocos, antes tão presentes e necessários, ocasionando a diminuição das áreas verdes das grandes cidades. A rigidez do ambiente hospitalar criado pelos monoblocos verticais conduziu à dificuldade de identificação do usuário, cuja impessoalidade não proporcionava sensações de acolhimento e bem-estar.

Portanto, o hospital provoca emoções negativas ao seu usuário, pois, além de não ser uma área de familiaridade (com exceção aos funcionários que o tem como ambiente de trabalho), ele faz alusão ao momento de fragilidade, morte, dor e exposição da vulnerabilidade dos pacientes, provocando desconforto até no indivíduo que escuta a palavra hospital. Buscando amenizar essa carga emocional provocada pelo espaço hospitalar, o corpo profissional da saúde, junto ao profissional da concepção espacial, busca criar um espaço mais humano e agradável para o paciente que nele precisará conviver. Essa humanização da saúde tem por objetivo “melhorar a qualidade geral de vida dos seus usuários, durante o tratamento e a internação”, através da “adoção de uma visão holística, deslocando o foco da doença, para a saúde; do paciente passivo, para o ser humano total e do tratamento como resultado, para o processo de resgate da saúde” (Lopes e Naoumova, 2016). A vegetação é um dos pontos mais importantes em relação ao conforto e a humanização do espaço, quando corretamente aplicada, além de cumprir sua função de distração positiva, ajuda no bem-estar das pessoas ao melhorar as condições climáticas, diminuição dos estresses causados pelas internações e tratamento, visto que o contato com a paisagem natural influencia diretamente no ânimo e espírito humano. Esses espaços naturais podem promover um lugar de sociabilidade dos usuários, servindo como um espaço para a execução de terapias alternativas, associadas à natureza.

A exemplo de hospitais que adotaram essa ideia, os *Maggie’s centers*, centros de atendimento para pessoas com câncer, apresenta nos seus projetos o quanto a

arquitetura e a natureza podem servir como terapia secundária aos pacientes com câncer. Os Maggie's foram idealizados pelo historiador de Arquitetura Charles Jencks, que, na década 90, conviveu com a angústia de sua esposa, escritora e designer Margaret Keswick Jencks, no estado terminal da doença. Keswick, tinha uma noção de como o ambiente não contribuía para seus tratamentos, relatava que a sala de espera “drenava suas energias”, sentia-se “murchar” sob as luzes artificiais da clínica. Um bom projeto não seria capaz de curar a doença, porém, amenizaria o quadro, serviria como uma terapia, como um espaço de apoio para as pessoas que estavam na mesma situação. Suas ideias foram concretizadas, e propagadas por diversos arquitetos famosos, como Frank Gehry e Zaha Hadid, em centros instalados em diversos países como Escócia, Inglaterra e China (Medina, 2014).

Outro exemplo de integração hospital/paisagem é o Pavilhão Arthur Neiva (fig. 08), o qual faz parte de um conjunto de edifícios e jardins modernos localizados no bairro Manguinhos, Rio de Janeiro, que é preservado pela Fundação Oswald Cruz (Fiocruz). Inicialmente destinado para ser o Pavilhão dos cursos, o prédio construído entre 1947 a 1960, pela mesma Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde, do primeiro governo de Getúlio Vargas tem autoria do arquiteto Jorge Ferreira. O projeto articulou a arquitetura com as outras artes, sobretudo com o uso de painéis artísticos em azulejos e um pátio aberto para abrigar uma área de convívio para os alunos e professores, integrando ao edifício o paisagismo dos jardins modernos, projetados pelo paisagista Roberto Burle Max (Costa, 2017).



Fig. 08. Painel artístico em azulejo e Jardim moderno do Pavilhão Arthur Neiva, Rio de Janeiro (Costa, 2017).

Atualmente, o Parque dos Eucaliptos (fig. 09) do HUIBB não recebe o devido tratamento pela administração hospitalar, acumulando detritos, sendo usado como local de descarte de restos de materiais de construção das diversas reformas executadas nos edifícios do complexo. Segundo levantamento acompanhado pelo engenheiro agrônomo Natalino Corrêa, foi constatado

que diversas árvores estão em risco de queda, principalmente durante as fortes chuvas frequentes na cidade, devido a fragilidade em que seus troncos se encontram, pondo em risco a segurança dos indivíduos e edificações presentes em sua volta. Tal cenário demonstra a necessidade de compreensão do complexo hospitalar como um ambiente multifacetado e humanizado.



Fig. 09. O Parque dos Eucaliptos do HUIBB (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Hospital Universitário João de Barros Barreto, por possuir uma generosa área verde, tem a capacidade de implementação para projetos de conservação paisagista, programação que atraia seus pacientes para o ambiente externo do hospital, motivando a utilização saudável do local e atendendo as necessidades contemporâneas com a mesma eficiência de um projeto novo, resgatando a importância que o espaço natural possuía no período do sanatório.

Cabe refletir em como a transformação da materialidade e do caráter simbólico atribuído pelos usuários dos hospitais é um processo que requer estudo e entendimento no contexto da arquitetura assistencial, sendo o edifício entendido em sua dinâmica cultural.

Dinâmica esta que implica em preservações e apagamentos, sendo importante caracterizar os elementos arquitetônicos que conferem identidade ao edifício enquanto arquitetura moderna, entendida como estágio relevante da história da arquitetura da saúde no Pará.

Toma-se como exemplo vivo deste processo de transformações aceleradas no HUIBB, a dinâmica das varandas abertas. Como mencionado, onde anteriormente figuravam ambientes de interação social, como projetos organizados pelos próprios funcionários com o intuito de integrar os pacientes, hoje prevalecem as novas técnicas construtivas adaptadas às necessidades decorrentes das normas sanitárias. O Sanatório Barros Barreto, como equipamento da saúde de longa

duração, tendo em vista as demolições que ocorreram após sua construção, demonstra a permanência e até resistência de valores e significados dentro do âmbito do patrimônio cultural da saúde na Amazônia. A esté-

tica e a funcionalidade no modernismo, trazidas para a região através da edificação do antigo sanatório são signos de um referencial científico e arquitetônico produzido no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ABREU JÚNIOR, José Maria de Castro. MIRANDA, Aristóteles Guilliod de – “O Sanatório de Belém: a epopeia – ou via sacra? – de sua construção”. *Revista Pan-Amazônica Saúde*; 7 (2016), 13-25.

ARAÚJO, Luiz – “O clima de Belém e o Tratamento da Tuberculose Pulmonar”. *Pará Médico*, 7 (1939), 12-17.

BRASILEIRO, Carolina da Fonseca Lima – *Arquitetura da tuberculose em Pernambuco: um estudo analítico dos dispensários de tuberculose de Recife (1950-1960) como instrumentos de profilaxia da peste branca*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012. (Dissertação de Mestrado).

CHAVES, Celma. Silva, Izabella M. Santos – “Percurso da modernização a arquitetura do ‘Novo Centro’ na Av. Presidente Vargas em Belém”. 3.º Seminário Ibero-americano – *Arquitetura e Documentação*, 2013.

COSTA, Renato da Gama-Rosa – “Pavilhão Arthur Neiva Modernidade e Tradição”. AGUIAR, Barbara. CARCERERI, Maria Luiza. MARQUES, Ana Maria (ed.) – *Arquitetura moderna e sua preservação: estudos para o plano de conservação preventiva do Pavilhão Arthur Neiva*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2017, pp. 42-58.

_____ – “Patrimônio moderno da saúde e os desafios para a sua valorização. O exemplo do Rio de Janeiro”. 8.º Seminário Docomomo Brasil – *cidade moderna e contemporânea: síntese e paradoxo das artes*, 2009.

FRASCARI, Marco – “O detalhe narrativo”. NESBITT, Kate (ed.) - *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, pp. 539-557.

LOPES, Leila. NAOUMOVA, Natália – “O uso da cor como ferramenta de humanização de ambientes de assistência à saúde infantil sob a percepção do usuário: Caso de estudo Pelotas, RS”. *Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, 2016.

MALARD, Maria Lucia – *A atual polêmica: modernismo, pós-modernismo*. MALARD, Maria Lucia (ed.) - *As aparências em arquitetura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006; pp. 94-115.

MAURS, Paul – *Modernismo e Tradição. Preservação no Brasil [1995]* – GUERRA, Abílio org (ed.) – *Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira*_parte 2. São Paulo: Editora Romano Guerra, 2010, pp. 71-89.

MEDINA, Samuel. “A história dos Centros Maggie: Como 17 arquitetos se uniram para combater o câncer”. *ArchDaily* (2014). Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/601650/a-historia-dos-centros-maggie-como-17-arquitetos-se-uniram-para-combater-o-cancer> (2018.11.05).

MONTANER, Josep Maria – *El racionalismo como método de proyectación: progreso y crisis*.

MONTANER, Josep Maria (ed.) – *La modernidade superada. Arquitectura y pensamiento em el siglo XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 1995, pp. 60-87.

RODRIGUES, José. LUZ, Luziane. SARAIVA, Joecylene – “Análise Morfológica dos Bairros de Nazaré e Guamá no processo das áreas verdes urbanas no município de Belém-Pa”. *Congresso Iberoamericano do Estudios Territoriales y Ambientales*, 2014.

SARQUIS, Giovanni Blanco – “Arquitetura moderna e contemporânea em Belém: diálogo entre tempo”. 9.º Seminário Docomomo Brasil – *interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente*, 2011.

VIDAL, Celma Chaves Pont – “Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960”. *Risco*, 8 (2008), 145-191.